

# O TERRITÓRIO, A HISTÓRIA E O ESPÍRITO DO LUGAR: A ARQUITETURA DE MÉRTOLA NO SUL DE PORTUGAL

ANA COSTA ROSADO\*

MIGUEL REIMÃO COSTA\*\*

VIRGÍLIO LOPES\*\*\*

MARIA DE FÁTIMA PALMA\*\*\*\*

CLÁUDIO TORRES\*\*\*\*\*

SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ\*\*\*\*\*

**Resumo:** O propósito deste artigo é caracterizar a importância do “lugar natural” e do “lugar cultural” no património construído de Mértola, considerando os diferentes ciclos da sua história. Procura-se interpretar a paisagem, a topografia e a morfologia da vila, desde a escala do território à escala da arquitetura. Deste modo, abordam-se as características do lugar, as estruturas fortificadas e a evolução urbana do núcleo antigo de Mértola desde a antiguidade, incluindo a transformação das tipologias da habitação tradicional a partir do período tardo-medieval. Reconstituem-se assim diferentes modelos de organização da arquitetura doméstica na sua relação com o espaço público e a paisagem, considerando a localização de Mértola no contexto das rotas do Guadiana e dos diferentes ciclos de exploração dos recursos territoriais (agrícolas, ribeirinhos e mineiros).

**Palavras-chave:** Lugar natural; Património histórico; Estrutura defensiva; Arquitetura doméstica.

**Abstract:** The main purpose of this paper is to characterize the importance of “natural place” and “cultural place” in Mértola’s built heritage, considering the different periods in history. In order to do that, we will try to interpret the landscape, the topography and the morphology of the old village, from the territory to the architectural scale. Thus, we will address the place, the fortified

---

\* Campo Arqueológico de Mértola/Bolseira de doutoramento FCT.

\*\* UAlg | Campo Arqueológico de Mértola. mreimaocosta@gmail.com.

\*\*\* Bolseiro Pós Doutoramento da FCT, Centro de Estudos em Arqueologia Artes e Ciências do Património. virgilioamlopes@sapo.pt.

\*\*\*\* Campo Arqueológico de Mértola/Bolseira de doutoramento FCT.

\*\*\*\*\* Campo Arqueológico de Mértola.

\*\*\*\*\* UAlg | Campo Arqueológico de Mértola.

structures and the urban transformation of the old village of Mértola since antiquity, including the analysis of the traditional typologies of housing from the late medieval period. We will reconstitute those different models of organization of domestic architecture in relation to the public space and the landscape, considering Mértola's position in the Guadiana route of Mediterranean trade and the different cycles of exploitation of land resources (agricultural, riverside and mining).

**Keywords:** Natural place; Historical heritage; Defensive structure; Domestic architecture.

## INTRODUÇÃO

Mértola é formada como lugar pela confluência de culturas e pela sobreposição contínua de momentos de evolução ou de rutura, em sucessão ao longo de milénios. A importância dos traços territoriais e das características biofísicas do lugar é determinante na configuração da ocupação da paisagem envolvente e mesmo na própria morfologia urbana e do espaço da habitação. O propósito deste artigo é compreender as diferentes escalas de construção do lugar, desde a paisagem à habitação, considerando a preponderância do território físico e das diversas civilizações históricas na conformação dos espaços e construções de Mértola. Inscreve-se numa investigação que combina as metodologias de diferentes âmbitos científicos, como sejam a arqueologia, a história documental ou o estudo da arquitetura tradicional. Neste último caso, procedeu-se ao desenho e reconstituição de todas as habitações do núcleo antigo de Mértola, no terceiro quartel do século passado, que constitui um documento fundamental para a interpretação dos diferentes padrões de construção da habitação ao longo da história<sup>1</sup>. Para a estrutura deste artigo, procuramos combinar o encadeamento das diferentes cronologias com a transposição de escalas, partindo do sítio e da paisagem para o espaço urbano e concluindo com a caracterização do espaço doméstico.

### 1. UM SÍTIO PRIVILEGIADO: O PROMONTÓRIO, O RIO E AS MURALHAS

A condição de Mértola enquanto lugar revela-se numa dimensão simultânea de «[...] centro natural, em que a terra se levanta ao céu [...]», e ponto de chegada fundamental ao estabelecimento de um assentamento, ao delimitar de um espaço interior de contraponto ao território exterior circundante<sup>2</sup>. Esta condição traduz-se na importância do sítio que corresponde a um promontório banhado por um rio

---

<sup>1</sup> Cf. COSTA, 2015.

<sup>2</sup> Cf. NORBERG-SCHULZ, 1995: 31.



Fig. 1.  
Vista aérea de  
Mértola (VL).

navegável e conformado, desde longa data, pela presença das estruturas amuralhadas. Mas a posição de chegada a que se refere Norberg-Schulz<sup>3</sup> não é, tão só, a da fundação, mas é, em diferentes ciclos, perpetuada pelas características físicas do território e pelo limite de navegabilidade do rio. O Guadiana é navegável desde a foz, entre o Algarve e a Andaluzia, beneficiando até Mértola dos fluxos das marés para os trajetos das embarcações de pequeno e médio porte, enquanto, a montante, a queda natural do Pulo do Lobo, com mais de 13 metros, encerra definitivamente o trajeto fluvial.

Múltiplos fatores fazem da localização de Mértola um local de povoamento privilegiado, sobre um esporão rochoso de declives acentuados (fig. 1). De facto, o mencionado limite de navegabilidade do Guadiana coloca a vila numa importante posição estratégica, pela facilidade da comunicação fluvial num território de importantes recursos minerais, a que se acrescem a abundância de água e as ótimas características defensivas do esporão. Os vestígios mais antigos de ocupação do promontório remontam à Idade do Ferro e, entre eles, as muralhas da cidade atestam a presença de fortificações, pelo menos desde o século IV a.C.<sup>4</sup>. Outra linha de muralhas, de perímetro muito superior, remonta ao mesmo período e protegeria, de ameaças externas, uma vasta área com gado e culturas, circundante ao povoado<sup>5</sup>.

E sendo o último porto da rota fluvial do Guadiana, onde historicamente floresciam as atividades comerciais, desempenhava naturalmente funções de articulação do tráfego regional de pessoas e bens. O controlo do tráfego no rio sempre foi uma

<sup>3</sup> NORBERG-SCHULZ, 1995: 31.

<sup>4</sup> PALMA, 2010.

<sup>5</sup> HOURCADE, LOPES & LABERTHE, 2003: 175-210.

preocupação administrativa, levando à construção, já durante a Antiguidade Tardia, de uma monumental torre, articulada com a muralha existente, para defender o porto e controlar a entrada e saída de embarcações<sup>6</sup>.

## 2. A VILA INTRAMUROS: A ACRÓPOLE, A RUA DIREITA E AS PORTAS DA MURALHA

A muralha que delimita a urbe levanta-se quase como prolongamento natural da encosta, na linha de transição entre as vertentes de declives mais pronunciados e a plataforma superior. Mas esta só pode ser considerada aplanada à escala territorial porque à escala humana revela diferenças de cotas muito significativas – de 26 a 64 m de altitude numa distância de 100 m –, fazendo com que as ruas apresentem fortes pendentes, tanto nos eixos principais longitudinais, como nas travessas que os ligam, parte delas em escada.

Apesar dos inúmeros vestígios que a arqueologia tem revelado da antiga *Myrtilis* romana, correspondendo a uma ocupação que remonta à primeira metade do século II a.C, pouco se conhece da topografia da antiga urbe ocultada pelos sucessivos ciclos de ocupação. Em qualquer caso, durante este período, as muralhas da Idade do Ferro foram objeto de um processo de reutilização e reforço, configurando um espaço intramuros marcado pela contraposição entre uma parte alta e uma parte baixa. A acrópole de *Myrtilis* estaria assim situada no espaço que hoje medeia o Castelo e a Igreja Matriz, onde poderá inclusivamente ter existido um antigo templo de culto imperial<sup>7</sup>. Foi neste espaço privilegiado que se construiu, já na Antiguidade Tardia, entre os séculos V e VII, um complexo religioso, que poderia corresponder a um palácio episcopal, com uma basílica, dois batistérios de dimensão significativa e uma nave porticada sobre a muralha da cidade<sup>8</sup>. A modelação do espaço da antiga acrópole incluiu ainda a construção de um criptopórtico ou de uma galeria subterrânea (mais tarde convertida em cisterna) associada a uma outra campanha de reforço e transformação da estrutura amuralhada.

E é já na segunda metade do século XII, sob domínio almóada, que se assistirá a uma transformação profunda associada a um novo programa na parte alta da vila intramuros. Esta transformação é pautada por uma campanha de obras no castelo (que inclui a integração de porta em cotovelo)<sup>9</sup>, bem como, pela edificação de uma

---

<sup>6</sup> GÓMEZ & LOPES, 2008.

<sup>7</sup> MACIAS *et al.*, 2011.

<sup>8</sup> LOPES, 2014.

<sup>9</sup> PALMA & GÓMEZ, 2013.

nova mesquita sobre as ruínas da antiga igreja paleocristã (entretanto adaptada ao culto muçulmano). Trata-se, neste último caso, de um processo de justaposição dos espaços sagrados que será ulteriormente confirmado, após a reconquista cristã, pela conversão em Igreja Matriz da anterior mesquita (da qual ainda se conserva parte das quatro paredes do perímetro exterior, o *mihrab* e quatro portas de arco ultrapassado). Mas a mudança mais significativa está, neste período, relacionada com a construção, sobre o antigo complexo religioso paleocristão, no espaço compreendido entre a mesquita e o castelo, de um novo bairro residencial marcado pelo característico padrão das casas-pátio mediterrâneas voltadas para o interior.

Se a modelação da parte alta é pautada pela geometria de diferentes plataformas, registando a transformação dos programas e escalas associadas aos diferentes períodos, na parte baixa tenderá a organizar e fixar o traçado das vias longitudinais a diferentes cotas. Com a reconquista, a antiga zona palatina será abandonada no espaço exterior ao castelo, consolidando-se a importância das áreas intramuros próximas ao porto. A transformação de Mértola revela algumas características semelhantes ao urbanismo medieval das vilas de fundação de fronteira como a organização do tecido urbano em ruas e travessas ou a preponderância da rua Direita ligando duas portas principais do núcleo intramuros (porta de Beja e porta da Ribeira). Mas as circunstâncias particulares da vila, como a forte influência dos declives, a consequente organicidade da malha urbana e a preponderância das estruturas de períodos anteriores, trazem particularidades ao urbanismo mertolense: a posição da rua Direita que percorre o contorno nascente da muralha, sobre o Guadiana; a persistência da mesquita almóada, convertida em igreja matriz, em posição excêntrica ao tecido urbano com o abandono da antiga zona palatina e do bairro da alcáçova a poente; ou a manutenção do traçado do sistema defensivo preexistente.



**Fig. 2.**  
Vista do núcleo intramuros e do Guadiana a partir do castelo (MRC).

Em qualquer caso, a preponderância das vias longitudinais, organizando o tecido urbano em plataformas de diferentes cotas na adaptação aos declives existentes, marca decisivamente a relação do núcleo intramuros com a paisagem. Como refere Norberg-Schuz<sup>10</sup>, «[...] um espaço encerrado lateralmente e aberto e iluminado do outro, transmite a estranha impressão de se encontrar, ao mesmo tempo, no interior e no exterior». Em Mértola, essa impressão enfatiza a relação fundamental com o Guadiana, sobre o qual a vila se debruça, de um modo que, a partir de então, se acentua com o abandono da zona da antiga alcáçova (fig. 2).

### 3. A VILA NA PAISAGEM: OS ARRABALDES, O NÚCLEO ALÉM RIO E O CONVENTO

A profunda transformação que o tecido intramuros de Mértola sofre durante o período medieval cristão está associada a um recolher da povoação para o interior das muralhas e ao abandono das áreas externas, como ocorre com o arrabalde ribeirinho almóada. De facto, na primeira metade do século XVI, Mértola está confinada ao interior do traçado da velha cerca defensiva, conforme é representada no Livro das Fortalezas de D. Duarte D'Armas. É especialmente a partir do início do século de seiscentos que a vila se estende para lá do troço norte da muralha e da porta de Beja, de um modo fortemente condicionado pelas características oro-hidrográficas do território. Os declives consideráveis que prolongavam a muralha nos quadrantes nascente, sul e poente e a força do Guadiana acabam por circunscrever as novas zonas privilegiadas para urbanização nos arrabaldes a norte da vila velha e na margem esquerda do rio (fig. 3).

No primeiro caso, o Arrabalde da Vila, é organizado a partir da antiga estrada para Beja e da posição proeminente das igrejas já desaparecidas de Santo António dos Pescadores e de Nossa Senhora do Carmo (junto à antiga basílica paleocristã) bem como da capela de Nossa Senhora das Neves que enfatizam, mais uma vez, a importância das condições físicas do território na paisagem urbana. No segundo caso, o Arrabalde de Além Rio resultará em dois núcleos ribeirinhos – Monte de Cima, a sul, e Monte de Baixo, a norte – representados na carta da «Planta da Praça de Mértola» de 1765 de Miguel Luís Jacob (GEAEM/DIE). Por outro lado, a condição de vila na paisagem será também evidenciada pela posição sobranceira do convento de São Francisco, fundado em 1612, sobre o antigo caminho para o Algarve, já na margem direita da ribeira de Oeiras (fig. 1).

<sup>10</sup> NORBERG-SCHULZ, 2005: 59.



Fig. 3.  
Vista do núcleo  
intramuros e do  
Guadiana a partir de  
Além Rio (MRC).

A presença apartada do convento, marcado pela igreja alta e pelo edifício conventual com os característicos telhados de tesouro, acentuava o contraste entre os edifícios religiosos e os conjuntos das habitações que eram, apesar de tudo, muito modestos fora de portas. Tanto mais, quanto a implantação destes conjuntos edificadas se inscreve tradicionalmente numa paisagem agreste e despida<sup>11</sup>, cujas áreas regadas se restringem a algumas pequenas bolsas de maior aptidão (como era o caso de parte da própria cerca do convento). São referidas, e em parte delimitadas, nas cartas militares as hortas do Convento, das Canas, do Álamo, dos Amores, do Barreiro, da Murtalheira ou da Malhadinha. Muitas aparecem associadas a sistemas artificiais de transporte de água, como noras, tanque ou levadas, especialmente as de maior capacidade de abastecimento da vila, como a Horta do Convento.

A periferia da vila, no entanto, era marcada pelas terras dos coutos de Mértola, que a contornavam nas duas margens do Guadiana e da ribeira de Oeiras. O Tombo da Comenda de Mértola da Ordem de Santiago de 1515<sup>12</sup> refere a delimitação do perímetro dos Coutos e o seu propósito: pasto de gado dos moradores, nos quais apenas se poderiam cultivar hortas e pomares.

<sup>11</sup> Cf. LINK, 1801: 464-5.

<sup>12</sup> BARROS *et al.*, 1996: 129-131, 166.

#### 4. TIPO E LUGAR NA ARQUITETURA DOMÉSTICA DE MÉRTOLA DURANTE O ANTIGO REGIME

A importância do lugar revela-se, como temos visto, às diferentes escalas, adquirindo idêntica expressão para a descrição da arquitetura corrente de Mértola. No interior da vila intramuros, distinguem-se os conjuntos edificados das zonas mais baixas, mais próximas do eixo comercial tradicional da antiga rua Direita e do porto, caracterizados por morfologias e tipologias arquitetónicas mais complexas e ricas, das construções das zonas altas, maioritariamente atarracadas com duas “casas” modulares. O modelo da habitação próprio do Antigo Regime é a então designada “morada de casas”, em que os diferentes espaços, de dimensões aproximadas, se encadeiam em trajetos interiores sem corredor. A “casa” corresponde a um compartimento da habitação, sendo o seu todo designado por “morada”. Na solução mais simples, este modelo repete-se numa habitação organizada em profundidade constituída, na maior parte dos casos, por dois espaços distintos, sensivelmente com a mesma dimensão e delimitados por paredes mestras. Constitui a tipologia de base da casa tardo-medieval de lote estreito que esteve na base da transformação profunda do tecido urbano, registando uma rutura tipológica relativamente à casa pátio almóada após a reconquista e a tomada de Mértola em 1238.

A ampliação desta tipologia poderia ocorrer de três formas: com a integração de um sobrado parcial no desnível do telhado, com a adição de um piso completo superior ou com a duplicação em planta através da junção de dois lotes. Esta última solução, que recebe o nome de “morada de casas de frente larga”, poderia ter também um piso superior. Nos eixos comerciais, o piso térreo era usado como armazém, ficando a habitação restringida ao piso elevado. A entrada era autónoma, por vezes com diferentes acessos para cada piso, em que as escadas de tiro, encostadas à empena, faziam o acesso ao piso nobre.

Algumas escrituras registam também a expressão “morada de casas nobres” associada às casas mais abastadas da vila<sup>13</sup>. Esta tipologia resulta da nobilitação dos tipos anteriores através, entre outros temas, da regularização de pisos e fachadas. Pode ainda incluir ampliações, como a adição de um terceiro piso nas águas furtadas, sob o desvão do telhado. A fachada principal apresenta-se mais larga que em qualquer dos tipos anteriores, com janelas de sacada ritmadas associadas aos principais compartimentos. A cozinha é relegada para a parte posterior da casa, junto ao quintal, que podia ter dimensões consideráveis para uma propriedade intramuros e muitas vezes com cisterna.

---

<sup>13</sup> COSTA, 2015.





Fig. 4.  
Habitação no núcleo  
intramuros (MRC).

Um dos aspetos mais interessantes da arquitetura doméstica do Antigo Regime em Mértola está, de resto, relacionada com seu carácter adaptativo, considerando especialmente a acomodação aos declives existentes (fig. 4). Muito frequentemente, os compartimentos dos pisos térreos destes edifícios adquiriam cotas de pavimento distintas, obrigando à integração de degraus na sua articulação. A configuração irregular dos diferentes espaços e a relação das paredes mestras (em taipa ou alvenaria de xisto) era, por vezes, a que resultava mais elementar no processo de implantação. A composição da fachada principal do edifício ocultava, frequentemente, a complexa geometria estrutural, por vezes, resultante da adunção de edifícios mais pequenos. Assim, e para além das condições impostas pelo território físico, a transformação da habitação era fortemente determinada pelas estruturas preexistentes, num momento em que, por razões evidentes, se procurava reduzir ao mínimo as tarefas a empreender em cada uma das campanhas de obras. Mas esta é uma conceção que tenderá a mudar drasticamente, mais tarde, já depois da implantação do liberalismo e, em especial a partir de final do terceiro quartel do século XIX.

## 5. TIPO E LUGAR NA ARQUITETURA DOMÉSTICA DE MÉRTOLA NA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

A partir de meados do século XIX, devido à reforçada importância do Guadiana enquanto via de transporte e a um período áureo na exploração das minas de S. Domingos, Mértola atravessa uma fase de prosperidade marcada pelo crescimento das economias do comércio e transporte, do sector primário e pela consolidação

das maiores fortunas locais. Este contexto corresponderá a novos investimentos na habitação que, seguindo os modelos oitocentistas e menos restringido às expressões regionais, resultará na presença de novas tipologia habitacionais. A construção de paredes-mestras foi sendo cada vez mais restringida às fachadas exteriores e às paredes de suporte da cobertura, passando a restante compartimentação a ser assegurada por tabiques. Nas casas mais modestas, a divisão era feita em dois ou três compartimentos, tal como nas antigas casas de frente estreita, mas agora com implantação ao longo das ruas, privilegiando a entrada de luz natural e a ventilação dos diversos espaços. O alçado mais comum era simétrico, com porta a eixo ladeada por uma janela de cada lado. Uma solução mais complexa, mas igualmente comum, era a duplicação destes três compartimentos em profundidade com cobertura de duas águas. É nestas soluções que começam a aparecer novos espaços de distribuição como o corredor, a eixo da casa, no alinhamento da porta de entrada.

A expansão para o Arrabalde da Vila, fora de portas, trouxe a amplitude de espaço necessária para a experimentação tipológica, especialmente em casas de dimensões generosas – dentro das muralhas o espaço era exíguo e cheio de condicionantes. Surge então um tipo de casa abastada, de linhas regulares, mantendo a composição simétrica da fachada do tipo anterior (porta ladeada por janelas), mas com ampliação em altura e integração da escada de tiro ao eixo. A escada está associada ao átrio de entrada na parte anterior e a um corredor de distribuição na parte posterior. A nível distributivo, constitui assim uma solução de transição, combinando o corredor com o atravessamento indispensável de alguns espaços no acesso a outros. A organização em duas ou três alas de compartimentos junta frequentemente paredes-mestras no sentido transversal e tabiques no sentido longitudinal. O aproveitamento da cobertura, muitas vezes de quatro águas, compreende a execução de madeiramentos mais complexos, com a introdução de asnas e de trapeiras nas águas furtadas.

Na Vila Velha, as novas habitações resultaram da compra de diferentes edifícios contíguos, da sua posterior demolição e da terraplenagem da parcela daí resultante. As casas mais abastadas mostram uma presença impositiva no espaço urbano, não apenas em função da sua escala, mas também do recurso a diferentes figurinos estéticos e ornamentais que registam a mudança de gosto neste período (Fig. 5). O espaço interior passa a privilegiar soluções de organização mais representativas, com a entrada a ser coroada com escadas de lances simétricos ou assimétricos, acompanhada pelo aumento de protagonismo da casa de jantar ou do corredor. Este modelo renuncia assim ao desenho das antigas “moradas de casas” e à combinação, circunstancial e irregular, de diferentes topologias.

Em qualquer caso, as novas habitações abastadas tenderão a privilegiar, gradualmente, os novos eixos viários abertos no Arrabalde da Vila. De facto, a área



Fig. 5.  
Habitação da praça  
Luís de Camões  
(MRC).

urbana a norte da Vila Velha será marcada por uma grande transformação, devido à alteração da hierarquia viária aquando da construção da ponte sobre a ribeira de Oeiras. A abertura de um novo caminho para o Algarve e a melhoria da ligação a Beja retiram à vila intramuros a condição de sítio de passagem obrigatória na transposição de rotas terrestres e fluviais que até então tinha tido, pelos constrangimentos do Guadiana. A nova centralidade será ocupada pelo Arrabalde da Vila, onde se cruzam as estradas terrestres, abrindo novos eixos de expansão da vila. A consolidação desta nova circunstância urbana será definitiva com a construção da ponte sobre o Guadiana nos anos 60.

## 6. CONCLUSÃO

O estudo continuado de Mértola tem permitido registar e inventariar diferentes estruturas construídas que marcaram a sua transformação ao longo da história. Uma das dimensões mais surpreendentes deste conjunto está relacionada com o modo como a sua atual configuração resulta do encadeamento de diferentes modelos de organização, associados a diversos ciclos de ocupação, num processo em que o “lugar natural” adquiriu sempre uma importância decisiva. A eleição de um promontório que, no trajeto do rio, se distingue pela sua morfologia característica e pela aptidão natural para a transposição de rotas fluviais e terrestres condicionou decisivamente o desenho urbano, a partir de um conjunto de temas fundamentais: o traçado da muralha que retoma a linha de demarcação de uma plataforma superior menos declivosa e das vertentes mais abruptas, em zona próxima à cota máxima de cheia;

o trajeto reconfigurado de aproximação à margem do rio, a partir de norte, e os locais com aptidão para controle e acostagem das embarcações; a contraposição, no interior das muralhas, de uma zona mais alta (da “acrópole”, do castelo, dos principais espaços religiosos) e de uma zona mais baixa e ribeirinha; e a orografia complexa na relação com o Guadiana e com a ribeira de Oeiras, determinante no perfil longitudinal das vias e na urbanização fora de portas.

As características físicas do território e as condições particulares de Mértola revelam-se assim decisivas para a construção cultural deste lugar, marcado por modelos civilizacionais distintos que poderão ser perceptíveis, também, na maneira como o homem procura consolidar ou renunciar àquelas condições, quer à escala urbana, quer à escala da arquitetura doméstica. Neste último caso, poderíamos considerar, a título de exemplo, o modo como as diferentes tipologias arquitetónicas são conformadas na adaptação ao sítio, contrapondo, por exemplo, a “morada de casas” do Antigo Regime (com organização dos espaços a diferentes cotas) das edificações de época contemporânea (que procuram renunciar às condicionantes e preexistências). Deste modo, os temas que se perpetuam na construção do lugar adquirem expressões diferentes na história, em função, não só dos diversos ciclos e civilizações e das distintas tecnologias, mas também da relação com o mundo exterior e do entendimento, em cada momento, da sua fisionomia particular marcada pela justaposição das diversas construções do passado.

## BIBLIOGRAFIA

- BARROS, Fátima Rombout; BOIÇA, Joaquim Ferreira e; GABRIEL, Celeste (1996) – *As comendas de Mértola e Alcaria Ruiva. As Visitações e os Tombos da Ordem de Santiago 1482-1607*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- COSTA, Miguel Reimão, coord. (2015) – *Mértola. A arquitetura da vila e do termo / Architecture in the town and its territory*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- GEAEM/DIE (1755) – *Planta da Praça de Mértola. Miguel Luís Jacob*.
- GÓMEZ, Susana & LOPES, Virgílio (2008) – *O arrabalde de Mértola e a evolução dos espaços periurbanos da cidade entre a Antiguidade e o Período Islâmico*. «Vipasca Arqueologia e História», 2ª Série, nº 2. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel, p. 690-697.
- HOURCADE, David; LOPES, Virgílio; LABERTHE, Jean-Michel (2003) – *Mértola: la muraille de l'Âge du Fer*. «Revista Portuguesa de Arqueologia», nº 6. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 175-210.
- LINK, Heinrich Friedrich (1801) – *Travels in Portugal and through France and Spain*. London: T.N. Longman and O. Rees.

- LOPES, Virgílio (2014) – *Mértola e o seu território na antiguidade tardia (séculos IV-VIII)*. Huelva: Universidade de Huelva. Dissertação de Doutoramento. Disponível em <<http://rabida.uhu.es/dspace/handle/10272/8053>> [Consulta realizada em 26/08/2016].
- MACIAS, Santiago, *et al.* (2011) – *Mesquita: Igreja de Mértola*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- NORBERG-SCHULZ, Christian (1995) – *Labitare. L'insediamento, lo spazio, la casa*. Milano: Electa.
- (2005) – *Genius Loci. Paesaggio Ambiente Architettura*. Milano: Electa.
- PALMA, Maria de Fátima (2010) – *Arqueologia Urbana na Biblioteca Municipal de Mértola: Contributos para a História Local*. Huelva: Universidade de Huelva. Tese de Mestrado.
- PALMA, Maria Fátima & GOMEZ, Susana (2013) – *O Castelo de Mértola. As transformações da Ordem de Santiago (séculos XIV-XV)*. In FERNANDES, Isabel Cristina, coord. — *Castelos das Ordens Militares. Actas de Encontro Internacional*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural, Vol. 2, p. 341 a 354.

